

A EXPERIÊNCIA DE PRÁTICAS DE EXTENSÃO NA COMPREENSÃO DE FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS

The experience of outreach practices in understanding ideological foundations

Paulo Marreiro dos Santos Júnior, paulomarreiro@ifam.edu.br¹

Leandro Barbosa Freitas, leandro.freitas@ifam.edu.br²

Suelen Miranda dos Santos, suelen.santos@ifam.edu.br³

Resumo: A presente pesquisa procura mostrar as contradições culturais e a desigualdade de tratamento das políticas públicas existentes, entre a evidência dada aos espaços públicos de Manaus inspirados na *Belle Époque*, especialmente, o centro histórico, em detrimento dos espaços de preservação da cultura indígena e cabocla, relegada aos museus e centros culturais. Essa problemática surgiu a partir da experiência de projetos de extensão realizados com alunos do IFAM *Campus* Presidente Figueiredo, em aulas práticas de História, através de visitação ao centro histórico, museus e centros culturais da cidade de Manaus. Os resultados advindos desse trabalho foram oriundos dos relatórios de extensão dos alunos, atestando a diferença entre políticas públicas para fins de incentivo à história e cultura da *Belle Époque* de um lado e, por outro viés, o ofuscamento e desinteresse pela trajetória ameríndia e mestiça. Apesar de este trabalho ser de cunho preliminar, possui relevância científico-acadêmica e didático-pedagógica pela sua origem extensionista, da práxis de alunos e professores. Instrumento que deverá servir de inspiração para outras aulas práticas e outros artigos sobre o tema, adensando a produção do conhecimento.

Palavras-chave: Manaus. Belle Époque. Crítica. Políticas Públicas. Cultura.

Abstract: *This research tries to show the cultural contradiction and the inequality existing in the public policies, between the highlight given to public spaces in Manaus inspired by the Belle Époque, especially the historic center, into detriment of indigenous and "cabocla" culture preservation areas which have been relegated to museums and cultural centers. This problem arose from the project outreach experience conducted with students from IFAM Presidente Figueiredo Campus, in the History practical classes, through visits to the historic center of Manaus, museums and cultural centers. The results of this study were derived from the students outreach report, stating the difference between public policy for the purpose of encouraging the history and culture of the Belle Époque in one hand, and on the other one the obfuscation and lack of interest about Amerindian and mestizo history. Although this work is one of preliminary nature, it has scientific-academic, didactic and pedagogical relevance for its outreach origin and from the practice of students and teachers. It is a tool which should serve as inspiration for other practical classes and other articles on the subject, densifying the production of knowledge.*

Keywords: *Manaus. Belle Époque. Public Policies. Culture.*

1 Doutor em História Social, Diretor Geral do Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Presidente Figueiredo – IFAM/CPRF.

2 Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, Docente, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CPRF.

3 Especialista em Libras, Docente, Instituto Federal do Amazonas – IFAM/CPRF.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2014, foi concretizado o projeto “Atividade de Extensão: história e cultura de indígenas e indiodescendentes nos museus. Museu Amazônico, Museu do Índio, Centro Cultural Povos da Amazônia”, com a turma IELT 11, com aproximadamente 40 (quarenta) alunos.

O projeto de extensão objetivava promover ações de promoção, orientação e acompanhamento dos discentes em museus e centros culturais que proporcionassem maior compreensão da historicidade e cultura de populações que habitaram a Amazônia pré e pós-colonial. A atividade de extensão também buscava proporcionar a inserção da cultura de visitação a museus e centros culturais, prática pouco difundida e até, de certa forma, não valorizada por parte dos alunos. Buscava-se também a construção de uma educação de qualidade e transformadora, contribuindo de maneira exitosa para a formação humana e profissional dos estudantes, levando-os a práticas de extensão e a inserção destas no currículo escolar.

Outro fator importante na atividade de extensão em foco foi possibilitar ao alunado a compreensão de aspectos sociais e estruturais das populações tradicionais do Amazonas pré e pós-colonial. E, como afirmado anteriormente, contribuindo também para a inserção de museus e centros culturais na vida cotidiana dos alunos, prática pouco incentivada e considerada até, enfadonha, uma mera obrigatoriedade escolar, não sendo vista pelos alunos como prática de lazer e enriquecimento cultural.

Esse modelo de atividade de extensão, museus e centros culturais são considerados por vários alunos e, até mesmo por professores, quando existe o mínimo de interesse, como passeios escolares, relegando

a segundo plano ou quase suprimindo os potenciais educacionais para complementar com outro enfoque o processo crítico de ensino e de aprendizagem. É comum ouvir comentários depreciativos do alunado quando se destina atividades de extensão a museus e a espaços culturais de cunho indígena e/ou caboclo.

O Museu do Índio, Museu Amazônico e o Centro Cultural Povos da Amazônia são locais de divulgação histórica, cultural e científica que constituem uma dimensão relevante da cultura milenar dos povos tradicionais amazônicos, que abrangem o período pré e pós colonial. Diante dessa dimensão e importância histórica, podem ser considerados espaços fundamentais para auxiliarem nos processos educativos, sendo indispensáveis ao compor um roteiro de lazer e/ou de construção de cultura e conhecimentos.

As atividades pedagógicas do IFAM *Campus* Presidente Figueiredo destinadas aos museus e aos espaços de preservação cultural, possuem também o objetivo de promover a reconstrução da história e da cultura de povos que são considerados à margem da sociedade contemporânea, que se vê civilizada e pós-moderna, proporcionando ao alunado reflexão sobre tolerância, valorização e respeito às diferenças culturais.

Promover e interagir com meios culturais e de difusão científica, por meio de atividades de extensão, buscou também incluir a devida dimensão da história, dos hábitos e dos costumes indígenas e caboclos, na apropriação dos espaços contemporâneos de expressão na cidade de Manaus. Pois, atualmente, não há políticas públicas e incentivos institucionais para a visitação a tais espaços pela população local. Na maioria das incursões são de turistas ou de alunos - que em maior medida - são levados a esses



Ilustração 1: Alunos no Centro Cultural Povos da Amazônia, Manaus - AM.
Fonte: O Autor, 2014.



Ilustração 2: Alunos da IELT 11 e professores do IFAM/CPRF em atividade de extensão no Museu Amazônico.
Fonte: O Autor, 2014.

espaços por obrigações escolares.

Os projetos de extensão a museus de história e cultura não devem, portanto, ser tratados somente como passeios escolares, tendo em vista sua relevância para a construção da cidadania contemporânea dos alunos. Além da construção do conhecimento, aliando teoria e prática, é uma ação que colabora para a construção do “ser cidadão”. Porém, essa visão não é compartilhada na totalidade dos discentes, principalmente se forem destinados a espaços de preservação da memória dos povos tradicionais amazônicos. Sendo esse um dos maiores e mais importantes desafios dessas atividades: romper discriminações e preconceitos.

Após terem conhecido o Museu Amazônico e o Centro Cultural Povos da Amazônia, os alunos foram levados ao restaurante Castelinho, localizado no centro histórico de Manaus. O nome comercial do estabelecimento faz alusão às residências dos barões da borracha no período da *Béle Époque* manauara. A própria arquitetura do restaurante, estilo arte *novoa*, desperta a curiosidade histórica do visitante consumidor, levando-o a retornar ao tempo áureo da borracha no Amazonas, período característico entre os séculos XIX e XX.

Após o almoço, os alunos solicitaram que a atividade de extensão mudasse seu trajeto, uma vez que ainda fazia parte de nosso roteiro o Museu do Índio. Os discentes estavam admirados pelo esplendor dos espaços públicos do centro histórico de Manaus. A maioria dos alunos apenas conhecia os espaços públicos de Manaus (da época da borracha) por fotos, pela mídia ou por passagem nas principais avenidas da cidade.

Os alunos foram unânimes no anseio de conhecer o Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Largo São Sebastião, Avenida Eduardo

Ribeiro, Instituto de Educação do Amazonas, Instituto Benjamin Constant, Mercado Adolfo Lisboa, Cais do Porto e outros espaços que foram construídos no processo de reconfiguração arquitetônica entre os séculos XIX e XX. Deve-se ressaltar que, mesmo antes de chegarem ao Museu Amazônico e ao Centro Cultural Povos da Amazônia, os alunos já vinham questionando a atividade de extensão aos museus e solicitando que também fizesse parte do roteiro os espaços históricos do centro de Manaus. No transcorrer da atividade de extensão ao Museu Amazônico, foram reveladas depreciações ao ambiente. Alguns alunos questionaram “por que viemos aqui, só tem coisa de índio?”.

Esse artigo se debruça justamente nessa problemática que corresponde à resistência dos alunos a atividades de extensão em espaços de preservação da memória de culturas tradicionais amazônicas, em benefício de locais do fausto da *Béle Époque* manauara.

Diante dos relatos, faz-se necessário os questionamentos: por que os discentes foram levados a escolher o centro histórico de Manaus para a realização de sua aula prática, em detrimento de museus e centros culturais de preservação da memória indígena e cabocla? Pressupõe-se que os alunos foram levados a sua escolha por mecanismos sociais tácitos da sociedade manauara de valorização do que é considerado moderno, civilizado, europeu, ou seja, o período da *Béle Époque* da Manaus da Borracha, em detrimento do que é marginalizado como rude, incivilizado, atrasado, selvagem, como a história e culturas indígenas e caboclas?

Esse artigo, fruto de experiência de atividade de extensão, busca responder a tais questionamentos histórico-sociais.

METODOLOGIA APLICADA

As metodologias de aplicação para construção desse artigo, fruto de experiência de extensão, foram os métodos Dedutivo, Indutivo, Dialético e Fenomenológico.

Para fins deste artigo, o Método Dedutivo auxilia na explicação do conteúdo das premissas, como a ideia de modernidade e civilização que envolve a sociedade de Manaus, por conta da sua relação histórica com o período da borracha. Isso se traduz ao questionamento: a valorização da história e cultura da Manaus da *Belle Époque* e depreciação da história e culturas indígenas e caboclas tem relação com a construção histórico-social da colonização europeia e escravização do indígena?

O Método Indutivo proporciona a esse artigo a construção de fundamentos teóricos a partir de experiências, como a atividade de extensão.

O Método Dialético fundamenta-se na interpretação dinâmica e totalizante das contradições da realidade. Considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político, econômico. Ou seja, o fato da valorização da história e cultura europeia em detrimento à historicidade, hábitos e costumes indígenas são originários de choques sociais, construídos historicamente.

Por último, o Método Fenomenológico utiliza-se da descrição direta da experiência tal como ela foi, ou seja, o relato da atividade de extensão feita por alunos e servidores. Por esse método, entende-se que essa realidade foi construída socialmente e esse estudo busca compreender, interpretar e comunicar essa realidade.

Buscando corresponder aos métodos aqui apresentados, utilizou-se de princípios teóricos para explicar que a história de

Manaus, a época da borracha e a construção de uma pretensa europeização na cidade através de sua arquitetura e adoção de hábitos e costumes, trouxe reflexos ao presente, como a valorização e a desvalorização de histórias e culturas identitárias amazônicas.

A imponência das obras da cidade foi uma das principais marcas do metamorfoseamento da “Manaus da Borracha”. Prédios públicos impressionavam pela sua visibilidade em meio a uma cidade que tinha, em maior medida, feições tímidas. O teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, o Palácio do Governo, ruas e avenidas remodeladas e demais obras são ícones que representam, até os dias atuais, a capacidade transformadora das autoridades e elites do período da borracha, que potencializaram o dinamismo urbano imponente frente à “insignificância” do não-urbano.

A grandeza de alguns edifícios públicos, como o Palácio de Justiça, forma um conjunto monumental de prédios. O prédio chama atenção pelo seu porte e luxo para época.



Ilustração 3: Alunos da IELT 11 em visita pedagógica ao Centro Histórico de Manaus.

Fonte: O Autor, 2014.



Ilustração 4: Alunos da IELT 11 conhecem Teatro Amazonas.
Fonte: O Autor, 2014.

O espetáculo das obras monumentais na cidade tinha também o objetivo de imprimir a ideia de progresso e civilização, em contraposição à cultura indígena e cabocla, adotando-se novos valores: os europeus.

Nessa atividade de extensão e através das escolhas dos alunos, foi atestada uma profunda contradição cultural. Também confirmada pelo tratamento desigual, das políticas públicas existentes, entre os espaços públicos que são incentivados, como: Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Mercado Adolfo Lisboa e os ambientes relegados ao esquecimento, transformados em espaços turísticos ou que se tornam obrigatoriedade escolar, como o Museu Amazônico, Museu do Índio, Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

O processo histórico da cidade construído pelos colonizadores e a implantação da ideia de modernidade, progresso e civilização introduzida pelo europeu no entre séculos XIX e XX tem relação direta com esse processo dialético.

Recentemente, obras públicas foram erigidas, reformadas ou restauradas com o intuito de trazer à luz o período áureo da borracha. No roteiro de obras estavam palacetes, moradias de época, praças e largos, o Teatro Amazonas, o Mercado Adolfo Lisboa, o Palácio da Justiça, a antiga Prefeitura de Manaus e, atualmente, parte da Avenida Eduardo Ribeiro, espaços públicos que foram reformados ou restaurados ressaltando o processo de remodelação de Manaus no período da *Belle Époque*, trazendo novos olhares sobre a cidade, uma redefinição da identidade e representações por parte de seus próprios habitantes, como evidenciado na Ilustração 4.

Assim, no passado e no presente, a *Belle Époque* manauara passou a ser representada por segmentos da sociedade local como a expressão de uma cidade “moderna e civilizada” em oposição à origem indígena, vista como “atrasada e selvagem”.

RESULTADOS

Neste artigo, propôs-se refletir sobre a experiência de alunos do IFAM *Campus* Presidente Figueiredo em uma atividade de extensão destinada a Manaus. Foram observadas a escolha dos alunos por espaços da cidade que evidenciavam uma pretensa europeização, ambientes onde permeiam ideais de civilidade, modernidade e progresso, concepções ideológicas emanadas pelas elites. Fruto da experiência, os discentes foram levados a valorizar os cenários de transformação urbana, evidenciados pelo fausto da *Belle Époque*. São concepções ideológicas que permanecem até os dias atuais.

Assim, convém perceber que a Manaus da contemporaneidade está intimamente ligada e historicamente relacionada à “Manaus da Borracha”.

Durante toda a experiência da atividade de extensão, foram percebidas as contradições entre as representações do que fora considerado novo e velho, moderno e arcaico, belo e feio, o europeu e o indígena, a expressão estética de glamour das elites e a desqualificada simplicidade ameríndia.

Quanto aos museus e centros de cultura indígena e cabocla, os alunos reproduziram o que a história tradicional construiu sobre tais segmentos sociais, fruto do olhar europeu colonizador e das elites nacionais.

Sobre os índios e caboclos, a base da configuração étnica amazonense, através de análises preconceituosas e marginalizadoras, torna-se possível perceber como se configurou as relações sociais, étnicas e hierárquicas na historicidade do Amazonas, fatos que deixaram profundas marcas no presente.

As relações de poder entre etnias permaneceram vivazes no processo histórico local, produzindo dominados e dominantes sob aspectos sociais e étnicos.

Essas foram as projeções que levaram os alunos a desqualificarem os espaços de preservação da memória e história indígenas e caboclas e a valorização dos espaços vistos como ícones do processo de europeização da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise aos fatores sociais não se admite a ideia de “acaso”. A dicotomia “valorização e desprezo” dos discentes em relação aos espaços da atividade de extensão são frutos de construções sociais, culturais e históricas.

Vislumbrou-se que desqualificações e supervalorizações sobre os espaços citadinos avaliados não foram frutos da casualidade ou derivados de processos injustificáveis, mas, sim, são repletos de significações, origens e causas.

Através da trajetória da atividade foi possível perceber que houve construções empíricas por trás das escolhas dos alunos. Essas construções foram originárias de discursos oficiais, políticas públicas, produto das mídias, do processo histórico que criaram representações monolíticas, enrijecidas pelo tempo, como a crença de que a europeização é o moderno e o indígena é o atraso.

Aceitar arquétipos historicamente construídos sobre categorias étnicas e sociais tem seus significados na percepção das relações entre passado e presente, percebendo as ligações entre si, com suas ocorrências histórico-sociais imbricadas.

Essa atividade buscou também minorar esse isolacionismo entre duas épocas, a “Manaus da Borracha” e a

da contemporaneidade, proporcionando entendimento sobre o porquê de rótulos, preconceito, qualificações e desqualificações sobre os espaços da cidade. A depreciação ao indígena, sua história e a sua cultura têm relações no passado e no presente. Da mesma forma, a exaltação ao glamour do centro histórico de Manaus. Fundamentos ideológicos que os discentes não conseguiram evitar, levados inconscientemente a suas escolhas.

SANTOS JR, Paulo Marreiro dos. *Criminalidade e Criminalização de Práticas Populares em Manaus, 1906 – 1917*. Dissertação de Mestrado PUC São Paulo, 2005.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Jackeline de Souza Silva. Disponível em: <<http://www.culturamazonas.am.gov.br>>. Acessado em: 12 de julho de 2016.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Tradução Andréa Daher e Zenir Campos Reis) In: *Estudos Avançados*, vol. 5, n. 11, Rio de Janeiro: Apodoc, janeiro/abril.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

GOVERNO DO AMAZONAS. *Centro de Artes Chaminé*. Manaus: Secretaria da Educação, Cultura e Desportos. Subsecretaria da Cultura, 1993.

HIPPER, Marlene. *Teatro Chaminé*. Disponível em: <<http://wikimapia.org>>. Acesso em: 23 de junho de 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.